# “O mestre ignorante” – Jacques Rancière: A negação do saber do professor que emancipa o aluno. - 17/03/2015

Viajemos com Rancière para o entorno do século XIX recuperando um esboço de  
proposta pedagógica de Jacotot, homem que, a partir de suas experiências, nos  
convida a refletir sobre a educação atual e as possibilidades de emancipação.  
Porque, conforme Rancière, Jacotot foi uma voz dissonante em uma época  
histórica pós-revolução francesa onde as conquistas herdadas se consolidavam  
em um programa que visava esclarecer a população tendo como base o progresso.  
E o progresso se firmava em uma proposta de reduzir as desigualdades, diminuir  
a diferença entre o esclarecido e o ignorante. Época de instrução, de  
transmissão de conhecimentos, aonde a instituição pedagógica era lugar para  
exercício da autoridade dos professores e de desenvolvimento dos jovens rumo  
ao limites de suas capacidades intelectuais. Mas, eis a voz que alertava: o  
que se buscava era reduzir a desigualdade em busca da igualdade, mas, tomando  
como princípio a desigualdade, tal empreitada se tornava tarefa sem fim, nunca  
se chegaria a tal igualdade. Aqui, sublinham-se dois conceitos que Jacotot nos  
lega: ao partir da desigualdade como origem, parte-se do modelo tradicional no  
qual a distância entre o mestre e o aluno limita o aluno aos conhecimentos do  
professor – método de transmissão de conhecimentos, embrutecedor; mas, se o  
início é a ignorância como igualdade entre ambos, ali se reconhecem as  
capacidades de crescimento conjugado, método emancipador. Porque as potências  
intelectuais são iguais, as capacidades de conhecimento se aplicam a todas as  
inteligências. Não é o professor que subordina o aluno e o transforma em seu  
refém, mas o professor deve conduzir o aluno em um processo de  
autorreconhecimento de suas capacidades como capacidades de conhecimento  
universal: esse conhecimento que se adquire e se acumula no dia a dia.  
  
 Rancière resgata tal abordagem em uma França dos anos 80 impregnada do  
debate pedagógico que acusa a escola como reprodutivista, como reproduzindo as  
desigualdades da sociedade na escola, modelo que, de acordo com Rancière, fica  
preso à redução das desigualdades presentes em nome de uma igualdade futura.  
Papel da escola de civilizar e instruir a sociedade visando à superação da  
desigualdade e apontando para a possibilidade de igualdade futura nunca  
alcançada. A igualdade não é o fim, ela tem que ser verificada de início, tem  
que estar no começo, ali não deve haver distância entre professor e aluno,  
entre culto e ignorante. A régua não é o saber, porque o saber é de cada um, o  
saber de um não pode ser definido por outro, nem tampouco a ignorância: na  
base, somos todos ignorantes com capacidades de saber que precisam ser  
devidamente estimuladas.  
  
 Saltemos da França do XIX para uma reflexão atual que Lilian do Valle nos  
apresenta: que lições podemos tirar para a nossa educação? O paradoxo proposto  
por Joseph Jacotot flerta com o cotidiano paradoxal do ato de ensinar e se  
reinventar dos professores: beira a um ceticismo que poderia levar a uma  
desordem a ser aplicada na prática. Soma-se a isso a dialética que se  
estabelece entre educação e política: seria o pressuposto para igualdade  
política a igualdade na educação? Aí, não estaria de novo a igualdade como  
meta? E Jacotot não é questão de método que se divide entre a busca pelo aluno  
modelo da abordagem tradicional e a sua que eleva a atividade do aluno capaz.  
Mais do que isso, seu modelo é emancipador, de autonomia do sujeito capaz de  
aprender por si só, de todo sujeito capaz de aprender por si só, sem mediação,  
sem interlocução. Mesmo na realidade brasileira da década de 60, comenta  
Lilian, que colocou na base a tentativa de redução das diferenças entre as  
culturas visando a inclusão social, mesmo lá, quem é o professor que sabe o  
que o aluno precisa? Pelo contrário, a pedagogia de Jacotot retira o professor  
do seu conforto porque, para emancipar alguém, o professor deve ele mesmo ser  
emancipado. Isso significa que o professor deve abrir mão de seu conhecimento  
como conhecimento que garante sua posição e sua autoridade, ele deve se  
considerar ignorante e estar sempre em busca do conhecimento novo. Por outro  
lado, o professor não deve se fiar em um conhecimento seu maior que o dos  
alunos, nem em seu conhecimento e a ignorância do aluno: “O mestre anuncia a  
igualdade, mas só o aluno pode verificá-la, fazendo-a existir para si”. É  
negando seu saber que o professor emancipa seu aluno. É negando seu saber que  
o professor se emancipa.  
  
\-------  
  
RANCIÈRE, J. O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual.  
Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.  
  
VALLE, Lilian do. Pedra no tropeço: a igualdade como ponto de partida.  
Educação e Sociedade, Campinas, v. 24, n. 82, p. 259-266, abr. 2003.